

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasil Class.: Juma 14
 Data: 26/12/93 Pg.: 08

Fotos de Adolfo Kilian Kesselring



O casamento de Guari, 14 anos, é a esperança dos jumas de impedir que a tribo, integrada por quatro velhos e três crianças, desapareça

Jumas lutam contra extinção

■ Últimos velhos procuram marido para jovem Guari

ORLANDO FARIAS

MANAUS — Reduzida a dois casais de velhos e três meninas, a tribo juma, no Rio Açuá, afluente do Purus, no Amazonas, começou a procurar um branco para esposar Guari, de 14 anos, e assim evitar a extinção da tribo. Para desalento dos últimos jumas, o índio Karé, de 35 anos e considerado o único da tribo que ainda tinha condições de procriar, foi morto ano passado por uma onça.

Os dois casais de velhos recusaram, recentemente, a proposta de um índio parintintin-telharim, do mesmo tronco lingüístico - o tupi - de casar-se com Guari e assumir o papel de cacique. Segundo o indigenista da Funai, Adolpho Kilian Kesselring, que acaba de concluir o estudo *Juma, perspectivas de sobrevivência*, os parintintins mantêm contatos avançados com os civilizados e já estariam muito preocupados com valores da sociedade dos brancos.

Os jumas, ao contrário, teriam como única preocupação a sobrevivência. Eles eram 300 índios em 1940 e sofreram quatro



Os últimos jumas viajam de barco pelo Purus e seus afluentes em busca de um marido para Guari

massacres praticados por madeireiros que cobiçavam suas terras. No último, em 1973, foram mortos de uma só vez 31 índios.

Funcionário da coordenação de índios isolados da Funai, Kesselring diz que a tribo peregrina há dois meses pelos beiradões do Rio Purus, à procura de

um *curumim* (garoto) para casar com a índia de 14 anos. "Eles não querem apenas um reprodutor e sim um homem que assuma mais tarde os destinos da aldeia", diz o indigenista, preocupado com a possibilidade de algum aventureiro se aproveitar da ingenuidade dos índios. Os

jumas vivem numa reserva com milhares de hectares e rica em madeiras nobres. O indigenista entende que um garoto que fosse criado como filho dos casais de velhos assimilaria os costumes dos jumas e, ao se casar com Guari, ajudaria a impedir que a tribo desaparecesse.

Um drama que ameaça muitas tribos

O drama enfrentado pelos jumas não é o primeiro que atormenta uma tribo brasileira e nem é um fenômeno exclusivo do Brasil. Dezenas de outras tribos já desapareceram na América desde que, há 501 anos, Colombo e seus navegantes pisaram em terras do continente. Só nos Estados Unidos, entre a data da descoberta do país até 1850 morreram 10 milhões de índios, a quase totalidade dos quais massacrados.

Reduzidas a poucos indivíduos, muitas tribos norte-americanas entraram no inevitável processo de extinção causado por total falta de condições para a procriação. Ou seja, em decorrência dos confrontos com os brancos, boa parte dos homens adultos morria, enquanto que os sobreviventes ficavam debilitados física e psicologicamente. Ao mesmo tempo, passavam a predominar nas tribos as viúvas e jovens solteiras. Sem dúvida, em se tratando de índios um quadro freqüente e universal.

No Brasil, os cálculos são de que existiam 5 milhões de índios quando os primeiros brancos começaram a desembarcar aqui, a partir de 1500. Hoje, restam 250 mil, talvez até menos. E a tendência é que esse número continue diminuindo drasticamente, envolvendo não apenas o desaparecimento de indivíduos mas também de tribos.

No Amazonas, os waimiri-

atroaris, que durante décadas resistiram às investidas dos brancos, foram duramente golpeados, em todos os sentidos, na década de 70, com a abertura da Rodovia Manaus-Caracarái, que rasgou as terras da tribo ao meio. Há quem garanta que contra os mais resistentes foram lançadas até bombas. E como se não bastasse, posteriormente eles ainda tiveram parte dos li-

mites das mesmas terras inundados pela construção da Hidrelétrica de Balbina. Há alguns anos, quando se pensava que a tribo iria sumir rapidamente, indigenistas constataram, com surpresa, que havia muitas crianças nas malocas waimiri-atroaris. Um sinal de esperança, a se contrapor ao fantasma da extinção que paira sobre a tribo.

Os ianomâmis, que se subdividem em malocas ou grupos de 70 a 200 indivíduos, também estão sob a ameaça da redução populacional induzida pela presença dos brancos. Nos últimos anos, muitas malocas ianomâmis passaram a ser grandes demais para as famílias que abrigam. Os assassinatos, as doenças herdadas do convívio com garimpeiros, madeireiros e caçadores vão dizimando com indivíduos, malocas e, por fim, aldeias, numa repetição de um processo que tem, como seu mais atual e dramático exemplo, a luta dos últimos jumas fugir da extinção.

1993, um ano marcado por assassinatos e suicídios

□ O ano de 93 chega ao fim com um balanço sombrio para os povos indígenas do Brasil: 53 índios foram assassinados, um número bem mais elevado — acima do dobro — do que o registrado no ano passado. E superior também ao de 1991, quando foram mortos 26, e ao de 90, ano em que ocorreram 13 homicídios, a maior parte dos quais praticados contra índios do Amazonas e do Maranhão. Segundo o Conselho Indigenista Missionário, CIMI, de janeiro até agora 26 índios foram assassinados durante invasões das reservas onde viviam com suas tribos. Foram registrados 16 suicídios, quatro dos quais de jovens guaranis com idades entre 11 e 15 anos.